



CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

— Projetos



Mural pelo grupo "As Manas" em memória de uma companheira do coletivo, assassinada na rua do Benfornoso em 2024, @ Pedro Pestana Soares.

A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE ISABEL MARÇANO (CRIA-ISCTE) A VERA LAZZARETTI (CRIA-ISCTE) E PEDRO PESTANA SOARES (CRIA-ISCTE)

JANEIRO 2025

NaMoura

Na Mouraria: Património, (in)seguranças e imaginários urbanos no centro histórico de Lisboa

Neste mês de janeiro, divulgamos a entrevista a Vera Lazzaretti e Pedro Pestana Soares sobre o projeto *NaMoura - Na Mouraria: Património, (in)seguranças e imaginários urbanos no centro histórico de Lisboa*.



Manifesto da nova Praça Martim Moniz, 03.02.2024, @ Vera Lazzaretti.

Isabel Marçano (IM) - À partida, que objetivos tem o projeto?

Vera Lazzaretti (VL) - O projeto NaMoura pretende compreender como o património e a segurança, em termos de discursos e também de práticas, influenciam em conjunto os imaginários urbanos e a materialidade do que é o urbano. Para fazer isso, olhamos para o bairro da Mouraria, no centro de Lisboa. Eu, Vera Lazzaretti, coordeno o projeto, e a equipa inclui ainda o José Mapril, o Pedro Pestana Soares, o Ruy Llera Blanes e a estudante Erasmus Silvia Decina.

IM - Como é que o projeto NaMoura concebe e relaciona os temas do património e a da segurança?

VL - No projeto Na Moura não estamos a olhar para a segurança do património; o nexus entre património e segurança tem sido muito abordado dessa maneira,

“como vamos pôr o património em segurança?” Aqui olhamos para património e segurança como dois processos urbanos que interagem para criar e para mudar a cidade, e neste caso o bairro da Mouraria.

IM - Pode explicar o background do projeto, como é que ele surgiu?

VL - É precisamente da minha pesquisa no norte da Índia que surge a questão de como património e segurança se alinham e se alimentam mutuamente em contexto urbano. Na Índia trabalhei sobre um bairro bastante antigo na cidade de Varanasi, onde existe um complexo multi-religioso com um templo hindu muito importante, um local de peregrinação. Perto desse sítio, existe uma mesquita histórica sunita, que está em funcionamento, e essa mesquita é alvo dos nacionalistas hindus, que basicamente querem destruí-la. A questão é que toda esta

área é gerida há décadas pela polícia, então a polícia é uma presença constante nessa área e influenciou muito, e em certa medida antecipou um processo de desenvolvimento urbano onde a temática do património surge de forma muito contrastante.

Depois fui procurar um sítio onde testar e ver se essas ideias fazem sentido num outro contexto empírico. Cheguei a Lisboa e como moro muito perto da Mouraria e conheci colegas que trabalham sobre a Mouraria, acabei por perceber que este é um bom terreno para pensar nesses assuntos. Parece um pouco estranho comparar dois sítios tão diferentes, mas acho que é muito produtivo fazer esse tipo de comparações, são comparações muito criativas, que implicam imaginar e pensar o que é uma cidade em termos novos, através de novos eixos analíticos.

PPS - Uma das razões para se ter escolhido este território era a existência de dois projetos de patrimonialização e reabilitação, que estavam em marcha, quase a arrancar ou ainda em discussão, e que podiam funcionar como estudos de caso. Um deles era o plano para a conversão da Praça do Martim Moniz em jardim; em fevereiro de 2024, quando comecei a fazer trabalho de campo neste projeto, foi feita a apresentação pública da proposta vencedora, que arrancará provavelmente em 2026.

O outro estudo de caso tem sido já trabalhado pelo José Mapril ao longo dos últimos anos, é o da Praça da Mouraria e da mesquita que nela será construída. É um projeto que já foi aprovado pela CML há cerca de 10 anos, mas nunca foi concretizado, e de qualquer modo, é um plano para o qual tanto os seus apoiantes como os seus detratores mobilizam

argumentos relacionados com os temas que nos interessam, a segurança e o património.

VL - Por outro lado, a Mouraria é interessante por ter sido apresentada durante séculos como um sítio marginal, um bairro propenso a atrair comportamentos desviantes e populações heterogéneas. O discurso relativo à sua dimensão insegura remete quase para o início da nacionalidade, a Mouraria é constituída como um arrabalde de Lisboa logo na reconquista cristã. Surge como uma espécie de subúrbio para onde é relegada a população que foi vencida.



2. Beco da Barbadeira
3. Arcada / escada exterior do C.C. Martim Moniz
4. Beco da Oliveira
5. Beco dos Cavaleiros
6. Passagem pedonal do C.C. Mouraria
7. Beco da Guia
8. Espaço sob as escadas da F. Marquês de Alegrete
9. Arcadas do Continente no quarteirão do Hotel Mundial
10. Beco na R. São Pedro Mártir
11. "Gaiola" na Trav. Fontainhas
12. Beco/pátio na Trav. São Lourenço

Mapa dos gradeamentos e vedações, @ Pedro Pestana Soares

IM - Em termos metodológicos, como se estrutura o projeto?

VL - Queremos ver como os conceitos de segurança e património, que são muito contestados, são utilizados e mobilizados pelos nossos interlocutores, e como se revelam nos imaginários e discursos populares.

Por um lado, temos uma abordagem etnográfica e recorreremos a entrevistas com diferentes pessoas que ali trabalham, vivem e se deslocam. Também consideramos o

“O discurso relativo à sua dimensão insegura remete quase para o início da nacionalidade, a Mouraria é constituída como um arrabalde de Lisboa logo na reconquista cristã. Surge como uma espécie de subúrbio para onde é relegada a população que foi vencida”.

impacto das políticas quotidianas, a representação do Estado e de poderes instituídos na materialidade da cidade, e queremos saber quais são as medidas materiais desses tipos de processos.

Por outro, fizemos um levantamento e análise de notícias jornalísticas e revisitámos material de arquivo e estudos sobre o bairro à luz desta nova questão de investigação, para ver como a Mouraria foi representada durante séculos como um sítio inseguro – para além de um património histórico.



Nossa Senhora da Saúde em procissão, 04.05.2024 @ Silvia Decina

PPS - A nossa análise incide mais, a nível de levantamento de estudos ou monografias, a partir da segunda metade do século XIX, que é quando se começa a problematizar, publicamente, a Mouraria como sítio inseguro, em contraste com a ideia do que deveria ser a nova cidade, uma cidade moderna, higiénica, e a Mouraria – por vezes a par de Alfama

– surge muito como contraste dessa visão idealizada do que deveria ser a Lisboa do futuro. A análise da imprensa também foi importante, e nesse caso focámos um período mais recente, desde 2008 até 2024, em três periódicos, o Correio da Manhã, o Público e o Expresso, onde fizemos um levantamento das referências à Mouraria e ao Martim Moniz.

IM- Martim Moniz e Mouraria surgem de forma diferente nesses periódicos analisados?

PPS - A inclusão do Martim Moniz nesta análise prende-se com o facto de as fronteiras da Mouraria não serem muito fixas. Antes tudo era Mouraria, havia a Alta Mouraria e a Baixa Mouraria, dentro da qual se incluía o que agora é o Martim Moniz. Depois houve aquele grande acontecimento-charneira a meio do sec. XX que foi a demolição da Baixa Mouraria e a criação daquela praça que foi tendo vários usos, mas cujo projeto final tem sido sempre adiado. De qualquer modo, o Martim Moniz é bastante mais problematizado na imprensa, como local ameaçador e potencialmente inseguro, do que a Mouraria. Isto porque, por um lado, é um espaço indefinido, aberto – geograficamente e semanticamente – e por outro não tem, como contrapeso às questões da insegurança, toda a dimensão patrimonial, principalmente imaterial, que a Mouraria tem.

E quanto à componente etnográfica, que lugar ocupa ela no projeto NaMoura?

VL – Fizemos trabalho de campo no bairro da Mouraria durante um ano, onde auscultámos vários segmentos da população que de alguma forma têm uma relação quotidiana com aquele espaço. Focámos em particular, em termos de entrevistas



Exemplo de segurança artesanal , @ Pedro Pestana Soares

mais aprofundadas, dirigentes associativos, organizações assistencialistas de apoio às populações mais desfavorecidas que trabalham nessa área, e o poder local, nomeadamente a junta de freguesia. Mais informalmente, fizemos entrevistas em lojas, restaurantes, cafés, tanto a lojistas quanto a clientes.

IM – O que mais vos surpreendeu no contacto com os vossos interlocutores?

VL – No conjunto, penso que foi mais a ausência da polícia como interlocutor. No princípio, nós estávamos relativamente otimistas e queríamos envolver a polícia e obter a sua perceção quanto às práticas da segurança e securitização no dia a dia. Mas a PSP e a Polícia Municipal responderam pela negativa, ou então não responderam de todo. Então esta é uma lacuna no projeto, mas também de certa forma é um resultado, diz-



Exemplo de segurança artesanal, @Pedro Pestana Soares

nos alguma coisa, e encontra eco em outros interlocutores, como por exemplo, nas reuniões públicas da Junta de Freguesia, junto de associações que apoiam pessoas sem abrigo ou consumidores de droga nessa zona. Todos eles nos confirmaram que a PSP tem tido uma postura mais, digamos, “opaca” em relação às suas práticas e atividades. Parece ter havido algum desligamento entre as forças de segurança e os outros organismos que trabalham no terreno. Segundo os nossos interlocutores, foi algo que aconteceu nos últimos dois anos, coincidindo com o agravamento pós-pandémico.

IM– O que poderão referir a propósito do impacto da pandemia COVID 19 na Mouraria?

PPS – Foi uma espécie de tempestade perfeita, porque vários fatores se conjugaram para criar uma situação de crise. Por um lado, temos a crise

“A ideia de que a polícia, ou o ‘policing’, cria uma situação de insegurança, é mesmo muito forte, não só para pessoas marginais como para as pessoas que teoricamente, a polícia está a proteger”.



de habitação que, já vindo de trás, se agravou imenso nos últimos anos. Isso fez com que os residentes mais antigos que lá moravam tivessem que sair e também que as pessoas que têm que morar lá – porque é lá que têm a sua rede social de apoio – como muitos migrantes asiáticos, passassem a viver em situações muito mais precárias.

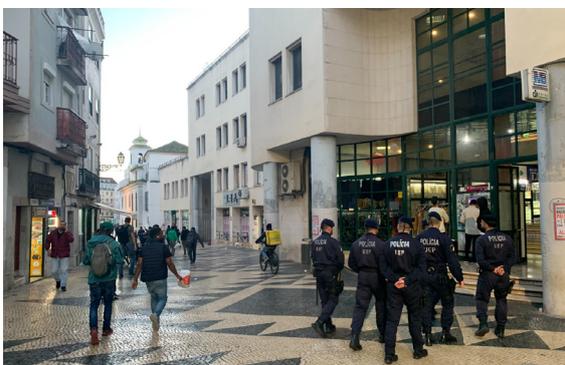
Por outro, em populações mais frágeis, pessoas que tinham empregos precários ou sazonais deixaram de os ter, conduzindo a situações de rotura que, nalguns casos, originaram condição de sem-abrigo.

E, claro, tal como encontramos a nível nacional, também na Mouraria os dados indicam claramente um aumento expressivo do consumo de droga após a pandemia. Isso foi também reconhecido pelas instituições locais, sendo a Mouraria um bairro já com historial de tráfico e consumo enraizado. Para além de uma intensificação do tráfico de droga, assiste-se a algo que se via há uns anos, mas que com uma primeira vaga de gentrificação na Mouraria foi desaparecendo, e que agora regressou, que é o consumo a céu aberto. Por fim não podemos esquecer a lentidão de todo o processo de transição das valências do antigo SEF para um conjunto de outros organismos, que implicou a acumulação de processos de regularização de imigrantes durante um longo período, situação que ainda se arrasta. Todos estes aspetos conjugados criaram uma situação de crise da qual a dimensão que atualmente mais se fala é a insegurança.

IM – Que expectativas tem a população relativamente à polícia, neste contexto em que há uma

perceção de maior insegurança?

VL – A polícia diz que essa perceção de insegurança não tem correspondência real em termos estatísticos mas, segundo os nossos interlocutores, as pessoas acabam por não tentar contactar a polícia porque não têm confiança numa resposta atempada e eficaz. E vemos também um tipo de tradição de segurança auto-proposta dos residentes da Mouraria, de forma criativa, mais “artesanal”.



Polícia na rua da Mouraria, 03.02.2024, @ Vera Lazzaretti

PPS– É algo que faz um pouco parte do património da Mouraria, essa faceta de auto-gestão, da qual uma das expressões nas últimas décadas era o papel que os traficantes de droga locais, residentes na Mouraria, tinham na manutenção da segurança do bairro. Vários interlocutores nos referiram essa faceta auto-reguladora dos traficantes “autóctones”, que se perdeu quando o tráfico passou, há uns anos atrás, a ser gerido por pessoas que já não residem na Mouraria.

IM – Alguma referência a grupos com os quais tenham vindo a trabalhar ao nível local e que considerem o tema da segurança?

VL – Quando falámos com pessoas que estão em situação particularmente frágil, ou que lidam com elas – estou

a pensar n"As Manas", um grupo de mulheres trans, utilizadoras de drogas, algumas trabalhadoras sexuais, e também nas irmãs Oblatas, uma ordem religiosa cuja vocação principal é apoiar mulheres que fazem trabalho sexual – verificámos que muitos interlocutores que estão numa situação de marginalidade, e que são no discurso popular os potenciais agentes da insegurança – as prostitutas, os consumidores de droga – também mobilizam os temas da segurança e insegurança como condição que sentem muito intensamente no contexto dessa crise – agora normalizada – do pós-pandemia.

PPS – Aliás a formação desse grupo, "As Manas", ocorreu durante a pandemia, numa altura em que as ruas estavam desertas e que as únicas pessoas com visibilidade no espaço público eram as prostitutas e consumidores de droga. Pessoas que consumiam nas ruas e que tinham que continuar a trabalhar, obviamente, nas ruas. E nessa altura, para elas, a fonte da insegurança eram precisamente as forças de segurança.

VL – É um tema clássico na literatura antropológica sobre a segurança. A ideia de que a polícia, ou o "policing", cria uma situação de insegurança, é mesmo muito forte, não só para pessoas marginais como para as pessoas que teoricamente, a polícia está a proteger.

PPS - Paralelamente a essa opacidade das forças policiais, existe um discurso mais institucional sobre a falta de recursos das forças de segurança.

Quais são as consequências desse aparente desligamento entre as forças de segurança e a população local?

VL - Encontrámos um conjunto de

iniciativas a que poderíamos chamar de securitização "from below". Por exemplo, na mobilização da população para instalar vedações, obstáculos ao acesso a certas ruas e becos, a colocação de gradeamentos ou portas para certos espaços que antes eram públicos, mas que eram frequentados por consumidores de droga, por pessoas sem abrigo, etc. Outras medidas que são faladas mais informalmente, mas que parecem não se ter ainda materializado, incluem a formação de grupos de vigilantes para patrulhar as ruas. É algo que se vai começando a falar, as próprias populações substituírem-se às forças de segurança.



Mural pelo grupo "As Manas" em memória de uma companheira do coletivo, assassinada na rua do Benfornoso em 2024, @ Pedro Pestana Soares.

IM – Face ao exposto até agora, como caracterizaria a população da Mouraria?

VL – Na Mouraria, a população é muito diversificada porque ainda há residentes antigos, idosos, mas também há uma população muito jovem de migrantes. Ao recuar 20 anos, encontramos uma população de Lisboa, portuguesa, mas mais jovem, que naquela altura encontrou na Mouraria uma forma de viver no centro da cidade com uma habitação relativamente acessível em termos financeiros. Isso permitiu comprar ali casa, e foi um bocado a semente de uma série de associações que depois foram surgindo, nomeadamente a Renovar a Mouraria. No entanto, depois com a crise da habitação, muitas dessas pessoas tiveram que sair, por isso esse segmento já não é tão expressivo quanto foi.

IM – E, entretanto, aumentou a população migrante, certo?

PPS – Falando da população migrante que mora lá, há uns anos um recém-chegado do Bangladesh ia para um desses quartos partilhados até achar um emprego. Depois conseguia trabalho e arranjava um quarto só para ele nos subúrbios, por exemplo em Odivelas ou na Damaia. Atualmente, com a crise da habitação e com o aumento desmesurado dos preços das casas, essas pessoas, mesmo que consigam arranjar trabalho, já não conseguem sair do quarto onde estão com mais 5 pessoas. Portanto, há ali uma pressão populacional ainda maior naquele espaço, relativamente circunscrito. E depois esta população torna-se um bode expiatório porque alcança muita visibilidade: está muito no espaço público. Uma pessoa quando chega do trabalho não pensa enfiar-se num quarto com mais seis pessoas. Vai dar uma

volta à rua para falar com os amigos, ao café e, portanto, a visibilidade dessa população migrante talvez seja maior agora do que era há uns anos. Isso vai criando ou reforçando um discurso xenófobo entre alguma população autóctone da Mouraria e que, obviamente, é alimentado por toda a retórica da extrema-direita, principalmente pelas teorias da “substituição populacional”.

VL – Estes discursos da extrema-direita mobilizam também um discurso sobre património que é muito seletivo: a Mouraria como o sítio do fado, das marchas populares, da peregrinação da Senhora da Saúde. Mas é um património que não existe muito na realidade, existe mais nos guias turísticos, mas o património vivo da Mouraria é diferentes e é criado também pelos migrantes e pelas pessoas marginais que utilizam o espaço público como seu próprio lugar.



Vestígios de extrema-direita na Rua do Benfornoso, @ Pedro Pestana Soares

PPS – Um dos elementos patrimoniais mais antigos da Mouraria é precisamente a heterogeneidade da população, o facto de ter populações que não se identificam com a norma da população do resto da cidade. Até há poucos anos essa heterogeneidade era promovida como um elemento positivo da Mouraria, era uma das suas imagens de marca principais, mas com este momento de crise pelo meio, isso voltou-se quase do avesso.

VL – Ainda estamos a pensar nessas várias hipóteses, mas parece que, no princípio, o estereótipo da Mouraria como sítio inseguro, que foi construído ao longo de séculos, impulsionou um processo de patrimonialização. Essa patrimonialização foi uma tentativa de domesticar elementos obscuros do bairro. Mas é como se isso não tivesse sido suficiente, agora temos um regresso da ideia da insegurança. Os elementos inseguros estão a revoltar-se contra essa tentativa de domesticação. “Insecurity strikes back”.

IM – para terminar agradeço esta entrevista. A mesma permitiu divulgar este projeto, seus desenvolvimentos e características no âmbito do património, segurança e imaginários no Bairro da Mouraria.

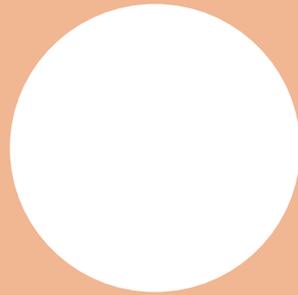
“Ainda estamos a pensar nessas várias hipóteses, mas parece que, no princípio, o estereótipo da Mouraria como sítio inseguro, que foi construído ao longo de séculos, impulsionou um processo de patrimonialização. E a patrimonialização foi uma tentativa de domesticar elementos obscuros do bairro.”



Placa comemorativa da memória cristã e antifascismo do Martim Moniz, 03.02.2024, @ Vera Lazzaretti







CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE DOUGLAS SANTOS DA SILVA, ISABEL MARÇANO, JOANA MARTINS, JOANA VIDAL MAIA, MAFALDA MELO SOUSA, SÓNIA MOTA RIBEIRO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.

DESIGN: MARIANA CAMACHO

